



## **VOTO DE PESAR**

Em 6 de Maio de 1921 nasce na freguesia de São Pedro de Angra, aquele que ficaria, na vida e na obra, conhecido apenas por Augusto Gomes.

Em 6 de Maio de 2002, a Câmara Municipal de Angra promove uma Sessão Cultural de homenagem a Augusto Gomes, por ocasião do lançamento da 5ª edição, de 3000 exemplares, do seu livro sobre a “Cozinha Tradicional da Ilha Terceira”, aproveitando a passagem do 81º aniversário do seu nascimento.

Em 21 de Novembro de 2003 morre, no Hospital do Santo Espírito de Angra do Heroísmo, o escritor e investigador terceirense Augusto Gomes, aos 82 anos de idade.

Três datas não bastam para resumir uma vida e, muito menos, uma obra.

Mas três datas podem ser suficientes para situar, no seu tempo e no seu meio, a figura singular de terceirense e de açoriano que foi Augusto Gomes.

Nas notas biográficas que costumam acompanhar as suas obras e que a sua morte recente voltou a trazer às páginas dos jornais, Augusto Gomes costuma ser apresentado como escritor, gastrónomo, investigador, contista; assíduo colaborador da imprensa escrita, da rádio e da televisão; homem de teatro, para o qual escreveu, ensaiou e representou; autor consagrado de múltiplas publicações especializadas na Culinária, na História e na Etnografia dos Açores.



Desta última faceta mais conhecida, todos recordam, além da já acima referida Cozinha Tradicional da Ilha Terceira e que chegou a ser “considerada pela crítica, uma das melhores, senão a melhor, monografia gastronómica publicada no nosso país e uma das melhores da Europa”, Cozinha Tradicional de São Miguel (1988), Cozinha Tradicional de Santa Maria (1998) O Peixe na Cozinha Açoriana e Outras Coisas Mais”(2001).

Mas tanto como o conhecimento especializado e o labor de investigação que estas e outras das suas publicações exemplificam, o que mais singularizou Augusto Gomes foi a sua capacidade e preocupação para captar a vida profunda e o sentido humano e universal de lugares, tempos e figuras que perpassam pelas suas obras como “Filósofos da Rua”, verdadeiro repositório de tipos populares terceirenses (e que foi pensado a partir do título muito mais expressivo “Tipos e Gajos”), “A Alma da Nossa Gente”, “As Danças de Entrudo nos Açores”.

Três exemplos, breves mas expressivos, desta peculiaridade da obra do Augusto Gomes:

Ao falar da importância do Pão na alimentação do homem, não esquece outras dimensões mais profundas, traduzidas na quadra, que transcreve, do célebre improvisador terceirense, O Charrua:

No mundo, a maior riqueza  
Para aquele que pensa bem:  
É deitar o pão na mesa,  
Daquele que o não tem.

É do seguinte modo que descreve a Praça Velha, em Angra:



“Tempos houve em que a Praça Velha reflectia a pasmaceira deste velho burgo ligado ao continente pelos velhos e ronceiros vapores de carreira. Aos domingos, a banda Regimental quebrava a monotonia do quotidiano, sem contudo afectar a pacatez que caracterizava a vivência insular. Um quiosque abastecia os cavalheiros de tabaco, as damas de refrescos, e a criançada de guloseimas. Choferes e engraxadores exerciam o seu mister, enquanto, dispersos pelos bancos, ociosos, passavam o tempo em amena cavaqueira. À noite, os vendedores de milho, favas, pevides e amendoins torrados. (...) Oh! Velha praça velha ! Coração da nossa terra... quantas gerações já viste passar através dos anos!”

Como introdução à culinária da Matança, em São Miguel, evoca o diálogo da Tia Bernarda, a dona da casa, que, limpando as lágrimas ao avental não esconde o seu pesar pela morte do porquinho:

“Vosoria que quiere?! Veiu para nossa casa tão pequenino! Era um marrinsinho tã riquinho! Eu é que lo criei, como se fosse uma criancinha, pegava nele ao colo, e nunca aquele bichinho me apoquentou! O senhor que quiere!? Criei-lhe amezade! Que era mesmo como se fosse gente! Que Deus me perdoe! Nosso senhor manda matar as alimárias para nossa sustentação, mas isto quando um bichinho é mesmo bum de dentro, custa a poderies. À senhor deitor! Quando lhe ia deitar farinha, inté parecia que se punha a rir pra mim!!!

Mas isto passa já! Pous é levá!”

É para este terceirense que tão certamente captou e exprimiu, em todos os seus livros, aquilo que deu o título a um dos que escreveu, a alma da nossa gente, que a Assembleia Legislativa Regional dos Açores, nos termos regimentais aplicáveis, aprovou este voto de Pesar.



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES  
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA REGIONAL  
*Gabinete do Presidente*

Aprovado por unanimidade, na Horta, na sessão plenária de 9 de Dezembro de 2003.

O Presidente da Assembleia Legislativa  
Regional dos Açores,

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Fernando'.

Fernando Manuel Machado Menezes